

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Centro de Estudos Internacionais sobre Governo

Especialização em Relações Internacionais:  
Geopolítica e Defesa

---

## **Rússia e China: reemergência e interação mundial**

---

Notas de Aula

*Professor*  
Diego Pautasso

*Estudante*  
Lui Laskowski

2022

# 1 História das relações sino-russas

O objetivo desta cadeira é refletir sobre o papel da Rússia e China na nova ordem internacional - dois países cujo papel e protagonismo são insofismáveis<sup>1</sup>. É necessário, para tal, fazer uma recontextualização histórica.

Tanto a Rússia quanto a China foram objeto de revoluções que marcaram não apenas os países, mas o Século XX como um todo. A revolução russa, segundo Hobsbawm, é o início e o fim do Século XX, dada sua importância; e a revolução chinesa, pelo tamanho do país, da população e pelo impacto regional e global é um dos eventos mais marcantes do século.

A aproximação entre China e Rússia se efetiva a partir de 1949, com a conclusão da revolução chinesa. Esta aproximação durou até o início dos anos 1960, com o desgaste das relações sino-soviéticas e, consequentemente, o afastamento e tensionamento na relação entre estes países.

Se num primeiro momento a URSS havia reconhecido a revolução chinesa e até mesmo dado suporte técnico e científico para a implantação do sistema maoísta, após 1960 o tensionamento entre estes países é agudo. Como exemplo mencionamos a concentração de mais de 80% das tropas soviéticas na fronteira com a China, em vez de com a Europa Ocidental. O momento mais agudo deste conflito é 1969, quando ocorrem escaramuças na fronteira sino-russa, na região da Manchúria.

Enquanto a URSS liderava o bloco socialista, a China era um país isolacionista entre 1960 e 1970. Este isolamento coincidiu com a revolução cultural, marcada por caos socioeconômico, e um momento no qual a própria legitimidade do Partido e, portanto, da revolução, foi colocada em cheque. Paradoxalmente, é justamente neste período que

emergiu a liderança de Deng Xiaoping, buscando uma renovação e correção dos rumos da revolução chinesa - entre estas correções estava a aproximação com os Estados Unidos.

Aqui se desenha um quadro geopolítico importante. Enquanto a China se aproxima dos EUA, no início dos anos 1970, a URSS se aproximou da Índia. É o que chamamos de **diplomacia cruzada**. Esta diplomacia marcou a guerra fria até 1980; a partir daí, um conjunto de fenômenos redefiniu completamente as relações da China com a Rússia, levando ao fim da guerra fria e à emergência de uma nova ordem internacional.

Na URSS, vimos as políticas *Glasnost* e *Perestroika*, que foram o início do fim da União, culminada em 1991 com o fim da Rússia socialista. Do lado chinês, vimos neste período uma reforma significativa e reforma do crescimento econômico, porém sem o mesmo desfecho da URSS - houve ali, porém, um crescente processo de desenvolvimento e adaptação do Partido Comunista Chinês, que se institucionalizou e conseguiu conduzir de forma mais hábil e firme suas reformas, embora estas não tenham deixado de incluir contradições (como a repressão na Praça da Paz Celestial). Em função de sua capacidade de adaptação e absorção de tensões, o Partido conseguiu subsistir e manter a efetividade das reformas na China e, consequentemente, o ritmo de crescimento que vemos até hoje.

Este período, de 1985 a 1990, em função inclusive do fim da União Soviética, é um período de destensionamento das tensões sino-russas; mas somente em 2001 se firmou o tratado de amizade entre estes países. A partir daí se estabeleceu uma relação simbiótica que culminou numa relação estreita, cooperativa, não sem competição e contradição, mas funcional e importante.

Aqui é importante destacar que a China foi a grande beneficiada pelo colapso soviético, ao menos na região. Obviamente o colapso da URSS, além de acabar com as tensões sino-russas, foi importante também para diminuir as tensões que eram padrão em todo o leste e sudeste asiático, e consequentemente

<sup>1</sup>É importante aqui ressaltar que a palavra *insofismáveis* foi de fato utilizada pelo palestrante, e não introduzida pelo escriba.

fazer ruir os muros da guerra fria que dividiam a região. Um dos efeitos disso é que a China consegue se aproximar dos países da ASEAN e liderar os processos de integração econômica que vigem na região.

Ao mesmo tempo em que projetou para o leste sua presença na ASEAN, suas ações voltadas ao oeste incluíram a criação, em 1996, os Cinco de Xangai, que em 2001 se tornaram a Organização para Cooperação de Xangai. Esta organização começou com propósitos securitários - o combate dos três mares (ao fundamentalismo, terrorismo e separatismo), que ameaçava tanto a Rússia, no Cáucaso, quanto o oeste chinês - mas logo incluiu cooperação em diversas áreas.

Uma das mais importantes, sobretudo nos aspectos geopolíticos e securitários, é a cooperação **militar** entre a China e a Rússia. A Rússia dos anos 1990 encontrava no setor militar um dos poucos papéis nos quais poderia agregar valor, e a China passou a ser um dos poucos mercados que tinha cativo (já que os EUA, com a expansão da OTAN, passaram a controlar uma parcela muito expressiva do mercado internacional de armas). As compras chinesas, portanto, viabilizaram um ressurgimento da economia russa, num dos poucos setores em que esta tinha competitividade tecnológica; e, por outro lado, permitiram à China “queimar etapas” em sua modernização militar.

Esta modernização militar chinesa começou, inclusive, a avançar em setores mais sensíveis, como a aviação militar de quinta geração - em grande medida um projeto de engenharia reversa sobre as bases soviéticas - e os porta-aviões chineses, sendo o primeiro construído sobre o casco de um Almirante Kutznetsov e, o segundo, sobre o aprendizado e a engenharia reversa que a primeira experiência lhes forneceu.

Além da cooperação no setor militar, outro elo de cooperação entre os países é a segurança energética. A China tem vulnerabilidades importantes no setor energético. Por outro lado, a Rússia é um dos maiores produtores de hidrocarbonetos (forte nos

três: petróleo, gás natural e carvão) e tem visto, no mercado chinês, uma possibilidade de diversificação de seus mercados de hidrocarbonetos, de forma a ficar menos dependente do mercado europeu e voltando-se, então, aos mercados asiáticos (China, Coreia do Sul e Japão, principalmente).

A construção do gasoduto Força Sibéria é uma prova do volume de investimento presente na projeção de longo prazo da cooperação sino-russa, dado que seu contrato prevê vendas de gás natural russo para a indústria chinesa por décadas a seguir.

## 2 As relações sino-russas no processo de integração asiático

A China tem projetado seu comércio e influência para o leste na ASEAN, e para o oeste na OCX. Esse processo de cooperação e crescente influência chinesa pode ser chamado de reconstituição de um sistema sinocêntrico<sup>2</sup>, buscando supremacia econômica, cultural e até “civilizacional”.

O que podemos levantar como hipótese e que a iniciativa OBOR (*One Belt, One Road*), também conhecida como a “nova Rota da Seda”, é um grande projeto de integração asiático com fundamental participação russa - **mas também um projeto chinês de expansão global**. Esta iniciativa está ancorada em capacidades chinesas muito sólidas.

A primeira delas é um *enorme estoque de capital para financiar as obras de infraestrutura*. A China recentemente criou o Banco Asiático de Investimento em Infraestrutura; é um dos promotores do novo

<sup>2</sup>N.E.: Em praticamente todos os materiais acadêmicos que li a respeito - aulas, artigos, cursos e qualquer outro que aborde o crescimento chinês - é mencionado e reforçado que a China já foi a maior economia do mundo e o centro do sistema asiático. Sob um ponto de vista constitucional, isso é irrelevante - aquela China era outro Estado, outra economia, outro povo, outro sistema político, outra formação social e outro governo. É relevante, porém, sob o ponto de vista cultural, e buscando ressaltar que a própria China se vê como buscando um “lugar de direito” que já ocupou.

Banco dos BRICS; e utiliza seus bancos de fomento, como o *China Development Bank*, como um grande instrumento de financiamento de obras. A segunda é a *capacidade industrial chinesa*, que é uma precondição para a realização de grandes obras de infraestrutura. A China tem uma indústria de base e de bens de capital muito dinâmica e com uma enorme capacidade ociosa, principalmente de aço, cimento e máquinas. Um terceiro aspecto é que a China tem muito *know-how* em serviços de engenharia.

Nesse sentido, a iniciativa resolve problemas de excedente de capital chinês e de capacidade ociosa; além disso, ao invés da construção de arranjos diplomáticos e acordos complexos de cooperação, trabalha em projetos muito específicos de infraestrutura, que em geral são do interesse de qualquer país e dispensa a necessidade de grandes consensos.

É importante destacar que essa rota tem caminhos territoriais que atravessam a Eurásia pelo norte - pela Rússia - mas também pelo centro, pela Ásia Central e pelo Oriente Médio. Além desse cinturão terrestre, há também um cinturão marítimo pelo estreito de Málaca, Mar Vermelho, Mar de Suez e Mediterrâneo.

Falando de geopolítica e segurança, este objetivo chinês está fortemente amparado do ponto de vista econômico, e as capacidades para implementar o projeto estão presentes. No entanto, os desafios securitários não são pequenos. No Mar do Sul da China há uma quantidade relevante de litígios - que são explorados também pelos Estados Unidos - criando ou fomentando conflitos entre a China e os demais países que pleiteiam ilhas e áreas de mar continental na região. No Oriente Médio e na Ásia Central existem regiões vulneráveis (como Afeganistão, Paquistão, Turquia, Iraque, Irã) e aproximações com os EUA. Trata-se, portanto, de um tabuleiro muito complexo - mas um tabuleiro que envolve a China e a Rússia na liderança da maior região do mundo.

Os grandes projetos chineses de infraestrutura podem ser um grande desafio à projeção norteamericana porque (i) os anglo-saxões sempre tiveram

medo das potências territoriais, daí a percepção mackinderiana de *heartland* e as políticas americanas de contenção e cerco; (ii) esse cinturão, no final das contas, pretende integrar a Eurásia a partir da China, constituindo um grande *heartland* a partir do qual ampliar sua influência para o Chifre da África, Europa e, a partir daí, as Américas; e (iii) os interesses chineses em construir ferrovias que liguem o Atlântico e o Pacífico na própria América são relevantes. Nota-se, portanto, um grande **projeto chinês de globalização**, baseado em *infraestrutura e financiamento de obras*.

Uma questão que deve ser destacada é que, para a China, este projeto é uma oportunidade enorme de resolver seus problemas de capacidade industrial ociosa; e para a Rússia e China, é uma oportunidade para atacar os “três males” que afetam a Ásia Central e a instabilidade que afeta, inclusive, regiões separatistas dentro da China e da Rússia. Sem dúvida é uma oportunidade importante para modernizar a infraestrutura de transportes da Eurásia; ao mesmo tempo, diversifica as fontes e rotas de importação de recursos naturais, energéticos e de alimentos.

Isso permite à China apoiar a *internacionalização de suas empresas*, primeiramente de engenharia e maquinário, ou seja, as associadas às obras de infraestrutura; mas também a *internacionalização do Renmimbi*, uma pré-condição para que possa exercer um protagonismo global em maior escala.

### 3 Desafios securitários da China

O primeiro grande desafio que a China terá de enfrentar é a **escalada intervencionista do Ocidente**. Isso inclui as revoluções coloridas no entorno da Rússia; as primaveras árabes e guerras indiretas, que desestabilizaram toda a região; as guerras indiretas, como o uso de *drones* no espaço aéreo do Yemen; a coerção e cerco econômico contra a Rússia e o Irã, entre outros; a promoção de guerras por procuração; e o intervencionismo di-

reto, como no Afeganistão e Paquistão.

Este quadro de intervencionismo repercute por toda a eurásia. Quase 80% dos refugiados que a Europa teve que acolher são resultado de políticas agressivas de intervenção.

A partir da consolidação do projeto chinês, algumas perguntas precisam ser respondidas. A primeira é uma identificação de quem seriam as potências do século 21. Certamente haverá um deslocamento do sistema mundial do Atlântico Norte para a Ásia-Pacífico e Eurásia, caso o projeto de integração euroasiática se consolide. A segunda é uma busca pelo tipo do sistema mundial presente a partir do ciclo euroasiático. A crise do neoliberalismo e de 2008 colocaram em cheque a perspectiva de “fim da história”, e a capacidade chinesa mostra ser muito difícil pensar em desenvolvimento sem instrumentos de poder que dependem de uma estrutura de Estado sólida, profissionalizada e autofinanciada.

## 4 China, Rússia e América Latina

A Rússia tem buscado se aproximar da América em função da dificuldade de convivência com a Europa Ocidental e os Estados Unidos, e tem buscado amigos na América Latina. A Rússia está sob embargo ocidental, o que levou o presidente Putin a buscar novas parcerias. Em seu último giro na América, visitou Cuba e abateu mais de 90% da dívida da Guerra Fria; visitou Nicarágua, firmando a construção do canal interoceânico em parceria com a China; no Brasil, firmou parceria no setor atômico, petrolífero e, na Argentina, de telecomunicações, veiculando a RT na Argentina. Este acordo foi firmado no governo Kirschner.

No Brasil, no governo Rousseff, firmou acordos de defesa, com a compra de material antiaéreo, mas também no setor de petróleo e de saúde. Nos últimos 20 anos o comércio Brasil-Rússia se multiplicou 10 vezes - mas os números ainda são muito modestos considerando o crescimento do Brasil e

o tamanho das economias.

A China tem multinacionais poderosas no Brasil, como Sinopec, Lenovo, Huawei, Stategrid, Cherry, Jac, entre outras. Do lado chinês esta parceria está relacionada com alimentos e recursos energéticos, diante da valorização das commodities - que foi inclusive causado pelo efeito China e teve efeitos importantes sobre a economia brasileira.

Aqui também há um risco - o risco da especialização exportadora primária, ou risco de desindustrialização. Este risco é uma explicação incompleta - porque se a China tem muita competitividade no setor industrial, quem determina as políticas internas é o Brasil. É a falta dessas políticas de desenvolvimento e infraestrutura que limita a condição internacional mais competitiva brasileira, ataque mais forte recentemente a empresas de construção civil, petróleo e agronegócio.

O comércio China-América Latina cresceu de 12bi para 260bi em uma única década, um valor muito mais expressivo do que com a Rússia.

## 5 Análise de conjuntura geopolítica e geoeconômica

Quando se analisam os fatores sem a história estruturante, fica-se muito refém de notícias efêmeras e enviesadas. Por isso os pontos anteriores se focaram na contextualização histórica.

O primeiro assunto é a guerra da Ucrânia. Ela não pode ser entendida sem buscar os elementos históricos recentes e profundos - pelo menos desde 2004 (Revolução Laranja) e de 2014 (Maidan) diante das regiões de Donbas. Mais importante, também, é o cerco, agressão e *holdback* contra a Rússia de Putin, que foi respondido com a invasão, diante da expansão da OTAN e ameaças de sanções e do escudo antimísseis.

A Rússia frágil dos anos 90, que permitiu a expansão da OTAN, deixou de existir. A influência sobre sua esfera tradicional é muito importante para a Nova

Rússia, e justifica porque a Ucrânia não pode se voltar militarmente contra a Rússia. A intervenção na Geórgia já sinalizou que não se toleraria um alijamento ucraniano dos interesses russos no Mar Negro e na região.

Os embargos sofridos não são novidade - quando o Malaysian Airlines foi derrubado, antes da conclusão de investigações se instituíram embargos contra a Rússia, e foram intensificados em 2014. Os esforços chineses e russos para “desdolarizar” a economia mundial também não são novidade. A China já tinha esforços de construção de um sistema interbancário que apresente alternativa ao SWIFT há muito tempo. Com a guerra, este processo se acelera - a Rússia e a Índia sinalizaram que estabelecerão comércio em rublos e rúpias.

Assim, a política intervencionista aprofundam os esforços russos para furar o cerco do dólar e do Ocidente desde a Síria. Isso nos leva à ideia de transição sistêmica, na qual a guerra da Ucrânia é mais um elemento constitutivo.

A transição sistêmica é muito permeada por conflitos e outros movimentos disruptivos. As ações americanas têm causado também “efeitos *boomerang*”, que aceleram a transição sistêmica - durante a guerra comercial os EUA atacaram a Huawei, causando a aceleração do *Made in China 2025*, e que tem precipitado o desenvolvimento de microeletrônicos chineses. A política de cerco, portanto, tem um grande risco de causar efeitos contrários incontroláveis por Washington.

O *holdback* contra a Rússia também acelera a independência russa, como na exigência do pagamento de petróleo russo em rublos. A **orientalização da infraestrutura de gases e petróleo** é um fenômeno de que já se falava em 2019, com o Força Sibéria e outras iniciativas.

O cerco à Rússia é um cerco que integra os desafios securitários da Rota da Seda. Não se trata de predição - se trata de encontrar lógica nos novos elementos geopolíticos e geoeconômicos. O ALCUS e o QUAD, pactos militares voltados a cercar a China

se utilizando dos aliados americanos, integram também este relacionamento, que tem prejudicado também as relações China-Austrália - as Ilhas Salomão já sinalizaram sua posição anti-chinesa.

Apresentamos também a ideia de que o projeto da Rota é um projeto de globalização, se iniciando em seu entorno regional e se estruturando por transporte, industrialização e energia, mas que é principalmente um projeto para integrar o mundo a partir do Eixo sino-russo como alternativa à hegemonia americana e ao modelo econômico neoliberal. A rota já está na África, Oriente Médio, Índico, e já chegou à América - a Argentina assinou um acordo de 24bi de dólares para investimento em infraestrutura, num contexto de desarticulação da economia da América Latina. Diante do recuo da política externa brasileira e desmonte de empreiteiras, a China vem ocupando o espaço deixado pelo Brasil na fragmentação e desintegração sulamericana.

A necessidade de infraestrutura na América Latina é histórica - nosso desafio é a integração física. Embora a IIRSA (*Iniciativa para la Integración de la Infraestructura Regional Sulamericana*) sinalizasse a direção desde 2000, os processos não tem tido continuidade, inclusive em face das transformações político-diplomáticas.

A China tomou a Rota como vetor central de sua projeção global. Em 2021, investiu 60bi de dólares na Rota. O país que mais recebeu foi o Iraque, saído de uma guerra devastadora. Esta é outra característica importante - a China tem buscado as linhas de menor resistência, os países que sofreram com embargos e cercos americanos para crescer globalmente. Em 2021, já na pandemia, assinou acordo com o Irã - e já foi mostrado como o cerco americano tem empurrado cada vez mais os países periféricos para a integração com a china e os grandes acordos com Beijing.